

A Ascensão das Máquinas: Por que Armas Cada Vez Mais “Perfeitas” Ajudam a Perpetuar Nossas Guerras e Colocam a Nação em Perigo

Tenente-Coronel Douglas A. Pryer, Exército dos EUA

Às vezes, quanto mais se protege a Força, menos seguro se fica.

—Manual de Campanha 3-24, *Counterinsurgency*

O aspecto mais triste da vida de hoje é que a ciência ganha em conhecimento mais rapidamente que a sociedade em sabedoria.

—Isaac Asimov

NO INÍCIO DE 2004, a Companhia de Inteligência que eu comandava, em Bagdá, recebeu cinco dos primeiros veículos aéreos não tripulados (VANT) *Raven* empregados no Iraque¹. O VANT *Raven* é uma aeronave de reconhecimento pequena, lançada à mão, que, provavelmente, nunca teve papel de destaque em nenhuma discussão sobre a ética de conduzir a guerra com robôs controlados remotamente. Esse VANT (ou *drone*) não é municiado com armas nem pode se distanciar mais do que alguns quilômetros de seu controlador. Parece mais um grande avião de brinquedo do que uma arma de guerra.

Na frente de meus soldados, demonstrei bastante empolgação com esse meio. Nem todo o meu entusiasmo era fingimento. Fiquei realmente animado com a tecnologia e com o fato de que minha tropa estaria entre as primeiras a empregar esses VANT

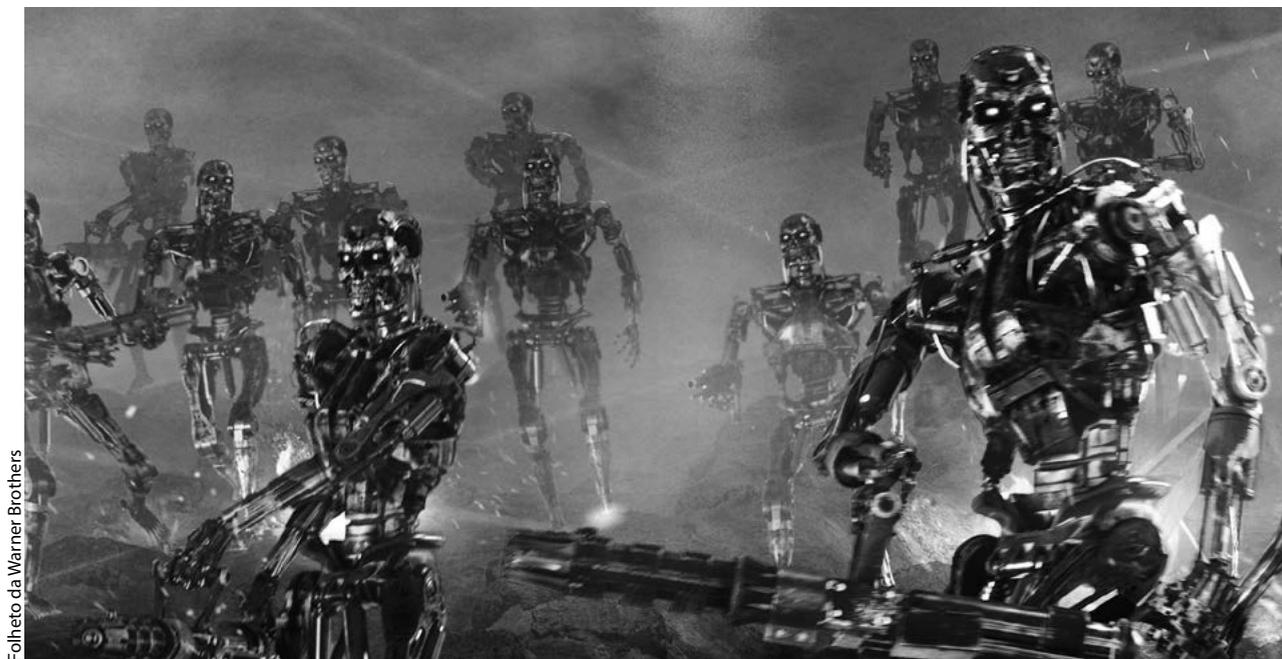
no Iraque. Havia embarcado na fantasia de que essa tecnologia tornaria meu país seguro contra ataques terroristas e invencível na guerra.

Contudo, também senti certa apreensão. Uma de minhas preocupações era com os chamados “danos colaterais”. Sabia que as pequenas telas cinza utilizadas com esses VANT, bem como a baixa autonomia de voo das aeronaves, poderiam, facilmente, levar a interpretações incorretas sobre a situação no terreno e à transmissão de informações falsas a tropas de combate com armas pesadas. Suspeitei que, caso acabássemos contribuindo para a morte de civis, meus soldados e eu não lidaríamos bem com isso. Ao mesmo tempo, porém, preocupava-me com a possibilidade oposta, de que fôssemos encarar bem a situação. Como estávamos distantes da ação, um acontecimento como esse talvez não nos fosse afetar tanto assim. Imaginei se seria como estarmos sentados em casa, bebendo uma coca-cola e assistindo a um filme de guerra. Será que não sentiríamos nada mais do que uma pontada passageira, uma sensação de que o programa daquele dia havia sido especialmente forte? E, se fosse esse o caso, o que isso diria sobre nós?

Pouco tempo depois, tive um pesadelo, que trouxe meus receios à tona. Em meu sonho, vi uma menina iraquiana e seus familiares dentro de um carro, assustados, em meio a uma operação militar

O Tenente-Coronel Douglas A. Pryer é oficial de inteligência e serviu em várias funções de comando e estado-maior no Iraque, Kosovo, Alemanha, Reino Unido, EUA e, mais recentemente, Afeganistão. É o autor de The Fight for the

High Ground: the U.S. Army and Interrogation During Operation Iraqi Freedom, May 2003-2004, e vencedor de diversos prêmios em concursos de artigos militares.



Folheto da Warner Brothers

Nessa cena de "O Exterminador do Futuro 3 - A Rebelião das Máquinas", "robôs exterminadores" armados e VANT combatem seres humanos.

de grande porte dos Estados Unidos da América (EUA), tentando fugir tanto dos insurgentes quanto das forças norte-americanas ao redor. Crendo que o carro estivesse cheio de insurgentes, meus soldados o seguiram com um de nossos VANT *Raven* e alertaram um posto de controle sobre a ameaça que se aproximava. Quando uma viatura de combate *Bradley* destruiu o carro com um míssil *TOW*, os oficiais em nosso comando comemoraram e trocaram tapinhas nas costas.

Acordei apavorado.

Hoje vejo que esse sonho era um sintoma de dissonância cognitiva, o resultado psicológico de manter duas ou mais cognições conflitantes. Nesse caso, meu senso de identidade como oficial do Exército dos EUA e todos os valores correspondentes (dever de seguir ordens legais, lealdade aos companheiros, etc.) colidiam com meu medo de ferir inocentes. Também iam de encontro à crescente sensação de que havia algo fundamentalmente perturbador quanto à forma pela qual estávamos optando em conduzir a guerra.

Este artigo não visa a argumentar que conduzir a guerra remotamente não apresente vantagens éticas, porque elas claramente existem. Por exemplo, os VANT e outros robôs armados são

incapazes de operar campos de concentração ou de cometer estupros e outros crimes, que só ocorrem quando há tropas terrestres. Com efeito, isolar os operadores de combate do estresse provocado por situações de perigo mortal reduz o potencial de que cometam algum ato criminoso que pudesse, concebivelmente, ser executado com VANT. Os neurocientistas têm constatado que os circuitos neurais responsáveis pelo autocontrole consciente são extremamente vulneráveis ao estresse². Quando esses circuitos são desativados, perde-se o controle sobre impulsos primitivos³. Isso significa que militares sob pressões físicas extremas estão aptos a cometer crimes dos quais seriam, normalmente, incapazes.

Outra vantagem ética é que, comparados à maioria de outros sistemas de armas modernos, os VANT armados são melhores no que diz respeito a ajudar os operadores a distinguir entre combatentes e não combatentes. A New America Foundation, instituição de pesquisa apartidária e sem fins lucrativos, baseada em Washington, D.C., e a entidade The Bureau of Investigative Journalism (TBIJ), agência de notícias britânica sem fins lucrativos, fornecem as estimativas mais conhecidas e detalhadas de baixas civis provocadas

por VANT armados norte-americanos. Segundo o levantamento da New America Foundation, nas Áreas Tribais sob Administração Federal (*Federally Administered Tribal Areas — FATA*), no Paquistão, a proporção de mortes de não combatentes para combatentes é de 1:5 aproximadamente (um não combatente morto para cada cinco combatentes mortos)⁴. A TBIJ, por sua vez, estima que essa mesma proporção, nas FATA, seja de 1:4, que também se aplica, de modo geral, à dos ataques por VANT norte-americanos no Iêmen e na Somália⁵. Embora não seja tão precisa quanto afirmam alguns entusiastas dos VANT, essa proporção é bem melhor que a apresentada por outros sistemas de armas modernos, que, no total, gira em torno de 1:1⁶.

Conforme a tecnologia dos VANT for se aprimorando, essa proporção de baixas de não combatentes para combatentes só tende a melhorar. O documento “U.S. Air Force Unmanned Aircraft Systems Flight Plan 2009-2047” (“Plano

de Voo de Sistemas Aéreos Não Tripulados da Força Aérea dos EUA 2009-2047”, em tradução livre) prevê VANT minúsculos, capazes de entrar em edificações, que, ao executarem o reconhecimento, a sabotagem ou ações letais, atuarão de modo independente, como um enxame de abelhas zangadas⁷. Em um futuro não muito distante, é fácil imaginar um VANT do tamanho de um projétil entrando em um edifício, conduzindo o reconhecimento e, em seguida — em vez de explodir e destruir tudo dentro de um raio de 15 metros —, atingindo, silenciosa e letalmente, o corpo do alvo visado.

Cabe ressaltar que este artigo não propõe que conduzir a guerra por intermédio de robôs armados *seja* antiético. Minha tese é, na verdade, que a forma pela qual os EUA utilizam os VANT é profundamente imprudente, por *parecer* antiética justamente às populações estrangeiras de cuja aprovação o país mais precisa — aquelas entre as quais os inimigos se escondem, as do mundo



Foto AP/Muhammed Muheisen

Cidadãos paquistaneses e norte-americanos seguram *banners* e entoam *slogans* contra os ataques de VANT na faixa tribal do Paquistão, em Islamabad, 05 Out 12.

muçulmano em geral e as de seus aliados na coalizão. Proponho que a reação moral negativa gerada pelos VANT quando empregados como uma arma transnacional tem ajudado a estimular a guerra perpétua⁸. Ou seja, em virtude de óbices existentes no campo moral da percepção humana, as desvantagens estratégicas dos ataques de VANT em qualquer função que não a de apoio aéreo aproximado às Forças terrestres quase sempre excederão suas efêmeras vantagens táticas.

VANT Armados e Indignação Moral

Ao elaborarem o relatório “Living Under Drones” (“Vivendo sob os VANT”, em tradução livre), de setembro de 2012, equipes das Faculdades de Direito da Stanford University e da New York University entrevistaram mais de 130 habitantes das FATA quanto às suas experiências com VANT norte-americanos⁹. O resultado é um chocante retrato da vida desses civis. O relatório descreve uma população afligida, em massa, pelo transtorno de estresse pós-traumático (TEPT). Os habitantes frequentemente exibem sintomas de TEPT, como colapsos nervosos, reações exageradas a ruídos altos, perda de apetite e insônia¹⁰. Padrões tradicionais de comportamento social foram destruídos ou alterados¹¹. Os moradores têm medo de se reunir em grupo, como, por exemplo, durante enterros ou encontros dos chefes tribais¹².

Não deve surpreender, portanto, que o ódio pelos EUA venha crescendo descontroladamente nessa população. Segundo a New America Foundation, embora “apenas um entre cada dez moradores das FATA ache que os ataques suicidas contra as Forças militares e policiais paquistanesas sejam por vezes ou frequentemente justificados, quase seis entre dez acreditam que eles sejam justificados contra as Forças Armadas norte-americanas”¹³. Em consequência, como informa a Organização das Nações Unidas, “muitos homens-bomba no Afeganistão são oriundos das áreas tribais paquistanesas”¹⁴.

O grau de reprovação moral contra os ataques de VANT norte-americanos entre os demais paquistaneses é igualmente forte. Segundo uma pesquisa de opinião conduzida pelo Pew Research Center em 2012, apenas 17% dos paquistaneses apoiam esses

ataques nas áreas tribais. A visão de modo geral negativa é, provavelmente, o motivo principal pelo qual 74% dos paquistaneses consideram os EUA como sendo um inimigo¹⁵. Além disso, a grande maioria dos paquistaneses enxerga os ataques de VANT norte-americanos nas áreas tribais como atos de guerra contra o Paquistão.

O antiamericanismo cada vez mais arraigado entre os paquistaneses vai de encontro aos interesses de curto-prazo dos EUA, como a necessidade das Forças norte-americanas empregadas no Afeganistão com respeito a meios confiáveis de reabastecimento e de rotas de sobrevoo através do Paquistão. Também se opõe aos seus interesses de longo prazo, por contribuir para a desestabilização deste último, uma potência nuclear. As manifestações contra os EUA — frequentemente violentas e provocadas pelos ataques de VANT — tornaram-se corriqueiras nas principais cidades do Paquistão. Os grupos terroristas que se declararam responsáveis pela maioria dos ataques suicidas no Paquistão justificam suas ações e atraem novos recrutas criticando o governo paquistanês como sendo um “fantoche” do odiado governo norte-americano¹⁶. A Ministra de Relações Exteriores do Paquistão quase certamente não estava exagerando ao dizer, no verão passado, que os ataques de VANT norte-americanos nas áreas tribais são a “principal causa” do sentimento antiamericano em seu país¹⁷. David Kilcullen, destacado especialista em contrainsurgência, observou o que devia estar óbvio: “Nossa atual trajetória está levando à perda de controle do governo paquistanês sobre sua própria população”¹⁸.

A fúria gerada pelos ataques de VANT dos EUA também tem contribuído para a desestabilização do Iêmen. Quando eles começaram, de fato, no Iêmen, em dezembro de 2009, a Al Qaeda dispunha de 200 a 300 integrantes e não controlava nenhum território¹⁹. Hoje, a organização possui “mais de mil integrantes” e “controla cidades, administra tribunais, arrecada impostos e, de modo geral, atua como o governo”²⁰. Mohammed al-Ahmadi, advogado iemenita, afirmou: “Toda vez que os ataques norte-americanos aumentam, cresce a fúria

do povo iemenita, especialmente nas áreas controladas pela Al Qaeda. Os VANT eliminam os líderes da organização, mas também os transformam em heróis²¹.

A raiva em relação aos ataques de VANT norte-americanos se estende além dos locais em que operam as aeronaves *Predator* e *Reaper*. Ela tem alimentado o antiamericanismo por todo o mundo muçulmano. O autor Jefferson Morley observou no verão passado:

A política de guerra de VANT drena o proverbial mar de simpatizantes ideológicos dos EUA e prejudica o único fundamento para se travar uma guerra eficaz: o apoio da população que se sente ameaçada. No mundo muçulmano, cancela todas as outras mensagens norte-americanas, desde a democracia e o Estado de Direito até os direitos da mulher²².

O instituto Pew Research Center descreveu a profundidade e o alcance da oposição a esses ataques. Sua pesquisa de opinião de 2012 registrou, por exemplo, que apenas 9% dos turcos e 6% dos egípcios e jordanianos os aprovam²³. A intensa desaprovação fez com que as manifestações contra os VANT passassem a ser corriqueiras no mundo muçulmano. Muitas vezes violentas, elas vêm desestabilizando as jovens democracias islâmicas, que surgiram durante a Primavera Árabe. Também continuam a incitar a raiva, que gera uma fonte aparentemente inesgotável de recrutas e verbas para os grupos terroristas antiamericanos. Uma reportagem do jornal *New York Times* ligou um símbolo anterior de fracasso moral na “Guerra contra o Terrorismo” dos EUA ao que persiste hoje: “Os VANT substituíram Guantánamo como ferramenta de recrutamento de preferência dos militantes”²⁴.

A raiva em relação aos ataques de VANT norte-americanos... tem alimentado o antiamericanismo por todo o mundo muçulmano.

A reação das populações dos países aliados dos EUA ao emprego norte-americano de VANT

armados não reflete um apoio muito maior. Conforme divulgado recentemente pelo instituto Pew Research Center, o índice de aprovação dos ataques de VANT em sete países europeus varia de 44% (Reino Unido) a 21% (Espanha)²⁵. Evidentemente, tal desaprovação se opõe aos interesses estratégicos norte-americanos. A Alemanha, por exemplo, reduziu a quantidade de dados de Inteligência que está disposta a fornecer aos EUA, por medo que possam levar a eliminações seletivas politicamente inaceitáveis de cidadãos alemães em países patrulhados por VANT norte-americanos²⁶. O que é ainda mais importante para os combatentes norte-americanos: não é nenhuma coincidência que as populações europeias com opiniões negativas sobre VANT armados sejam as que mais se opõem a que seus governos forneçam assistência aos EUA nos campos de batalha onde o país esteja envolvido, como no Afeganistão²⁷.

Chegamos, então, ao que está errado com a principal justificativa citada pelos defensores dos VANT armados: a ideia de que combater remotamente torna os EUA e seus militares mais seguros²⁸. Essa visão é imediatista. Quantas pessoas morreram em ataques suicidas ou de outro tipo, provocados pelo ódio aos EUA que os ataques de VANT transnacionais inspiram? É razoável supor que essas mortes ultrapassam, em muito, a quantidade de civis mortos diretamente por VANT norte-americanos. Também é razoável supor que muitos militares norte-americanos foram mortos nesses ataques incitados por um senso de indignação. Quando se consideram os efeitos de longo prazo, a conclusão clara é de que robôs armados, quando utilizados de certas maneiras, custam vidas americanas e fazem dos EUA um país menos seguro.

As Leis São Inadequadas às Vezes

Por que os VANT armados dos EUA geram uma reação moral tão negativa? O mundo crê que os EUA estejam violando leis justas, e é a raiva contra a arrogância norte-americana que está gerando essa reprovação? É difícil ver como essa pode ser a razão principal para uma censura tão generalizada, já que não está claro para a maioria dos advogados, quanto mais para os leigos, que os EUA estejam,

Foto AP/Hani Mohammed



Manifestante iemenita critica ataques de VANT norte-americanos em protesto diante da residência do Presidente do Iêmen, Abed Rabbu Mansour Hadi, em Sanaa, 28 Jan 13.

de fato, infringindo alguma lei com seu emprego de VANT armados.

Não está explicitamente estipulado em lugar algum dos cânones do direito internacional que o emprego de robôs armados na guerra seja ilegal, a menos que utilizem armas proibidas, como gases tóxicos ou projéteis explosivos. O debate jurídico se concentra, mais exatamente, na interpretação da legislação internacional existente, questionando se ela significa que o uso dos VANT armados para um fim específico (eliminações seletivas) é ilegal. Esse debate gira em torno de duas questões mais amplas. Uma se refere aos direitos de soberania: um Estado pode eliminar um indivíduo em outro Estado sem sua permissão? A segunda questão, mais polêmica, diz respeito a quando um governo tem o direito de eliminar um indivíduo: quando uma eliminação patrocinada por um Estado é lícita e quando é homicídio ou assassinato?

Em 2010, Harold Koh, advogado junto ao Departamento de Estado, expressou, sucintamente,

a justificativa do governo dos EUA para os ataques de VANT, que é a mesma há mais de uma década. Os ataques de VANT são legais, disse ele, porque os EUA estão envolvidos em um conflito armado contra a Al Qaeda, o Talibã e grupos afiliados e, assim, em conformidade com o direito internacional, o país pode empregar a força para fins de autodefesa²⁹.

Alguns advogados e teóricos jurídicos contestam esse ponto de vista, observando que, segundo a Carta da ONU, os EUA estão proibidos de empregar a força dentro de outro país sem o consentimento do governo deste. Os defensores do governo dos EUA respondem a essa crítica indicando que essa Carta contém uma exceção à proibição: que se pode exercer a força para a autodefesa caso um país não esteja apto ou disposto a ajudar um outro a se defender.

Outros advogados atacam outro ângulo, argumentando que a eliminação de suspeitos de terrorismo deve ser tratada como uma questão para os órgãos de segurança pública e não de ação



Força Aérea dos EUA

VANT MQ-9 *Reaper* se prepara para aterrissagem depois de missão em apoio à Operação *Enduring Freedom*, no Afeganistão, 17 Dez 07. O *Reaper* tem a capacidade de transportar bombas de precisão e mísseis ar-terra.

militar. Um indício de que é esse o caso, afirmam eles, é o fato de que a CIA — agência que mais emprega VANT armados para a caça de terroristas transnacionais — atua, historicamente, fora do âmbito das leis e regulamentos militares e não é regida pelas Convenções de Genebra nem se beneficia de suas proteções. Segundo esse argumento, o fato de os ataques de VANT serem conduzidos, de modo geral, pela CIA e, assim, regidos pelo direito civil e não pelo direito militar significa que eles são um tipo de assassinato político, algo que é expressamente proibido tanto pelo direito internacional quanto por atos do poder executivo nacional.

Os que apoiam o governo dos EUA rebatem que, em termos de armamentos, capacidade e ações, grupos armados como a Al Qaeda e o Talibã são claramente organizações militares e que, por isso, o Direito Internacional dos Conflitos Armados (DICA) se aplica às operações norte-americanas contra eles. O mundo mudou, afirmam, e com ele, o papel da CIA.

Com base em tudo isso, uma coisa fica evidente: não está nada claro que, ao utilizarem VANT armados para eliminações seletivas, os EUA estejam, de fato, violando o texto de alguma lei. A confusão é tamanha que essa percepção não pode ser o que vem alimentando uma reprovação moral tão disseminada e contínua. Isso não significa

que a população não veja o emprego de VANT armados pelos EUA como uma afronta ao seu senso de justiça — ao contrário. Muitas pessoas estão, obviamente, indignadas com o emprego de robôs armados pelos EUA. O que isso significa, realmente, é que, às vezes, as leis escritas não tratam, adequadamente, das questões morais.

Para entender o que está realmente provocando essa reprovação moral, é preciso deixar o âmbito do direito e entrar no campo da ética, porque, quando se trata de questões morais, esta última constitui o estudo mais profundo. A alegoria mais famosa de Platão pode ser usada para descrever a razão disso: em uma caverna (o coração humano) iluminada por uma fogueira (sentimento), as leis são as sombras projetadas pelos objetos (percepções e opiniões morais), enquanto a ética é o estudo dos próprios objetos.

A ética parte da avaliação de que todos os seres humanos têm algo em comum: uma “essência” humana, por assim dizer. A existência dessa essência compartilhada significa que é possível formular princípios de conduta para orientar qualquer indivíduo a viver sua vida da melhor forma possível. As ações são “boas” quando se baseiam em princípios que levam suficientemente em consideração essa essência em comum. Diferentes formas de considerar o que todos

os seres humanos querem ou necessitam se enquadram entre os polos do utilitarismo (uma abordagem puramente baseada nos resultados) e do idealismo (uma abordagem puramente baseada na ação). Essas abordagens, por sua vez, geram diferentes conjuntos de princípios de conduta. Entretanto, no âmago de todas elas, há uma única ética, que os cristãos conhecem como “regra de ouro” e que os filósofos chamam de “ética da reciprocidade”.

A ética da reciprocidade não só é o fundamento geral de toda a ética, como também ampara, especificamente, a teoria da Guerra Justa. Essa teoria, por sua vez, serve de base para o DICA. Até que ponto a ética da reciprocidade apoia a teoria da Guerra Justa e o DICA está óbvio de modo bastante básico e geral. Ao definir as condições nas quais deve optar em ir à guerra, um país está na verdade fazendo a seguinte pergunta: “Embora não queiramos que ninguém nos ataque, o que teríamos de fazer contra alguém para que achássemos que ele estaria justificado ao decidir iniciar uma guerra contra nós? Só quando determinarmos isso saberemos quando estaremos justificados em ir à guerra.” Da mesma forma, ao determinar como uma guerra deve ser conduzida, um país está, na verdade, fazendo a seguinte pergunta: “Se tivermos ofendido um outro país a tal ponto que ele precise travar guerra contra nós, como deve ser sua condução da guerra para que a achemos justificável? Só quando determinarmos isso saberemos como devemos conduzir a guerra de uma forma que seja justa.”

Uma causa da reprovação moral quanto ao atual uso de VANT armados pelos EUA decorre do fato de que esse emprego não obedece à norma básica de reciprocidade. É difícil imaginar como alguém poderia achar que seus inimigos estariam justificados em combatê-lo com máquinas controladas remotamente, por mais grave que fosse a ofensa, caso não pudesse responder na mesma moeda. Quando um povo fica sujeito à morte pelas armas de outro país e não dispõe de meios para lutar diretamente contra os combatentes que lhe estão causando dano, a situação parece ser fundamentalmente incorreta, injusta ou não

recíproca. Sem o apoio de um processo jurídico justo e transparente, essas eliminações parecem ser erradas, assemelhando-se mais a execuções sumárias ou assassinatos do que à guerra.

Outra situação que se parece mais com uma execução sumária do que com a guerra ocorre quando, diante de uma força superior e da morte iminente, um combatente inimigo não recebe a oportunidade de se render. Os militares norte-americanos não vão à guerra com a expectativa de que não haja a possibilidade de clemência por parte de seus inimigos. Sim, sabemos que nunca a receberemos de células jihadistas, mas há a possibilidade de nos fazerem reféns e sobrevivermos. É por isso que todo militar a ser enviado para o Afeganistão passa por um breve curso de sobrevivência, evasão, resistência e fuga. Afirmamos que os inimigos que não mostram clemência são desumanos e cruéis e violam as leis da guerra (e, de fato, violam). Por que nossos inimigos teriam uma opinião diferente em relação a nós, quando conduzimos a guerra de uma maneira que não lhes oferece clemência? Infelizmente, um inimigo bárbaro medieval, propenso a decapitar prisioneiros capturados, teria, na verdade, uma vantagem moral sobre os EUA em locais onde os ataques de VANT não sejam coordenados com Forças terrestres aptas a aceitar os que se rendam.

A ética da reciprocidade não só é o fundamento geral de toda a ética, como também ampara, especificamente, a teoria da Guerra Justa, que, por sua vez, serve de base para o DICA.

De um total de 21 países pesquisados, os EUA são o único onde a maioria da população apoia seu emprego de VANT armados contra indivíduos designados terroristas³⁰. Se a forma pela qual estamos selecionando e eliminando combatentes inimigos suspeitos no Paquistão, Iêmen e Somália parece errada para as populações estrangeiras, por que a maioria dos norte-americanos não tem essa mesma percepção? As vantagens óbvias e de

curto prazo oferecidas pelo uso de VANT armados têm algo a ver com isso. Contudo, a resposta mais profunda é tão antiga quanto a própria filosofia: alguns norte-americanos estão permitindo que suas emoções (sentimentos de raiva, medo e indignação) ofusquem a razão e limitem o alcance de sua visão.

A nuvem irracional da autoilusão toma duas formas principais. Uma é o fato de alguns norte-americanos não reconhecerem que o inimigo tem um atributo básico em comum com eles: sua humanidade. Conforme mencionado anteriormente, a ética parte da noção de que os seres humanos têm algo essencial em comum e, com base nisso, são tiradas conclusões sobre como seres humanos devem tratar outros seres humanos. Contudo, caso falte essa noção central (caso seu ódio ou medo em relação ao inimigo, ao “outro”, seja tamanho a ponto de ele não mais parecer plenamente humano a seus olhos), a ética da reciprocidade deixa de se aplicar, e as pessoas se sentem livres para tratar esse “outro” da forma que quiserem (ou lhe ordenarem). Sua consciência passa a permitir-lhes tudo. Assim, alguns norte-americanos podem defender que, ao eliminarem inimigos a uma distância segura, os EUA estão tratando os “perversos terroristas” exatamente como devem ser tratados: como inimigos merecedores apenas da forma de extermínio mais estéril, que não “sujem” suas mãos.

Outra forma pela qual alguns norte-americanos têm ofuscado a realidade moral é a falta de imaginação. É extremamente difícil para eles imaginar a vida de paquistaneses, iemenitas ou somalis sob a vigilância constante de VANT armados. Se os céus dos EUA estivessem cheios de VANT armados à caça de norte-americanos e guiados por pilotos operando com segurança do outro lado do planeta, não precisariam de imaginação para perceber o erro desses ataques. Ainda que não apoiassem as ações dos indivíduos sendo visados, talvez participassem de manifestações ou aderissem a forças mobilizadas pelos EUA para lutar contra seus inimigos aparentemente desumanos.

Da Importância de Parecer Humano

Antes de ter aquele pesadelo no qual meus soldados utilizavam VANT para ajudar as tropas

de combate norte-americanas a matar uma menina iraquiana e sua família, eu sofria da mesma falta de imaginação moral. Apresento, a seguir, um simples experimento mental para evitar que alguns de meus companheiros militares tenham pesadelos parecidos³¹.

O contexto desse experimento foi extraído do segundo filme da série “O Exterminador do Futuro” (*Terminator*), de James Cameron. A cena é uma paisagem estéril e sem cor, cheia de detritos relacionados com a vida humana: pedaços de metal, crânios e ossos humanos, brinquedos quebrados e descartados. Nesse panorama, grandes andróides caçam seres humanos com armas pesadas. São fortes, incansáveis e implacáveis. Pelas extremidades de metal e reluzentes globos oculares, percebe-se, claramente, que não são humanos. Grandes máquinas da morte patrulham os céus, visando a atacar e eliminar qualquer humano que possa estar escondido ou em fuga.

Os robôs parecem ser imbatíveis. Uma unidade paramilitar de humanos está em retirada. Surge, então, uma esperança, na forma de John Connor, um homem forte, resoluto e com experiência de combate. É humano de um modo reconhecível e reconfortante. É, fundamentalmente, “um de nós”.

Connor, o ideal do combatente como salvador, posiciona-se de modo que suas tropas possam vê-lo. Inspirados, eles contra-atacam e destroem os robôs. O narrador informa que a raça humana foi salva e que o *Skynet*, o supercomputador consciente que havia criado e enviado esses robôs “exterminadores”, foi finalmente destruído.

Ao assistir a essa cena, o espectador não tem dúvida alguma sobre que lado ele quer que vença. Não lhe importa que tipo de gente sejam essas pessoas ou que ideias possam ter. O único fator importante é que elas são humanas e seus inimigos, não. Por identificar-se com os humanos, o espectador fica aflito quando um deles é morto pelo inimigo e exulta quando conseguem destruir uma aeronave ou robô “exterminador”.

O cenário agora está armado para a conclusão do experimento mental.

Primeiro, imagine que as aeronaves e os robôs exterminadores da cena descrita não sejam

controlados remotamente por um computador, mas por pessoas que estejam em estações de combate no outro lado do planeta. Imagine, também, que os humanos sendo caçados são considerados “terroristas” pelo país que controla os robôs e os VANT, e que John Connor é visto como o líder de uma organização terrorista. Repasse em sua mente a cena de combate descrita acima.

Repasse? Ótimo. Agora pergunte-se: naquele mesmo campo de batalha depredado, onde os humanos lutavam contra máquinas, você ainda quer que John Connor e seus soldados vençam? É provável que sim. Pergunte-se, também: acha que o que o país no outro lado do planeta está fazendo, ao enviar robôs exterminadores para matar “terroristas” humanos, é fundamentalmente injusto? Mais uma vez: é provável que sim.

Vê-se, portanto, que a empatia moral dos observadores naturalmente favorece o lado humano de qualquer conflito entre pessoas e máquinas. Um dos aspectos mais perturbadores em relação a robôs armados é como eles ignoram essa realidade moral e promovem a desumanização, condição *sine qua non* para qualquer verdadeiro ato de atrocidade. É nesse cenário de desumanização que o homem comete atos desumanos contra outro homem, geração após geração³². É o caso dos nazistas alemães, no século XX, que geralmente tratavam os soldados ocidentais capturados com humanidade, mas agiam com os judeus, ciganos, eslavos e outros como se fossem animais nocivos, pragas que precisavam ser exterminadas. É o caso também dos fundadores dos EUA, que estabeleceram padrões novos e ambiciosos na guerra com o tratamento humano concedido a prisioneiros europeus, mas que costumavam lidar com os indígenas e com os escravos negros trazidos da África do modo mais desprezível de que se tem conhecimento.

Não é só que alguns norte-americanos estejam desumanizando outros como “terroristas perversos” para justificar o emprego de VANT: todos os norte-americanos estão sendo desumanizados por essas armas. A face que os EUA mostram aos inimigos, às populações estrangeiras e aos aliados da coalizão nos países onde patrulham exclusivamente com

VANT armados é totalmente desumana. O inimigo se esconde das máquinas e, eventualmente, dispara contra elas. O inimigo, que está em guerra contra os EUA, está em guerra contra as máquinas. Os EUA — terra de um povo orgulhoso e vibrante — tornaram-se efetivamente desumanos.

Essa autodesumanização deliberada equivale a uma espécie de suicídio moral lento, que motiva os inimigos a lutarem e prolongarem as atuais guerras em que os EUA estão envolvidos. É perturbador constatar até que ponto o país está comprometido em termos financeiros, políticos e militares com uma linha de ação que incentiva o pior dos impulsos humanos: a capacidade aparentemente ilimitada que temos para desumanizar outros membros da nossa espécie.

Considerando o ritmo com o qual os EUA vêm perdendo vidas e recursos financeiros, a China talvez se torne a maior potência econômica do mundo nos próximos quatro anos³³. Com seus recursos financeiros maiores, a China certamente conquistará, pouco a pouco, a primazia militar — de maneira mais evidente, provavelmente, com os robôs mais avançados do mundo. Outros concorrentes seguirão o exemplo (uma Rússia revitalizada, rica em recursos, talvez?).

É perturbador imaginar a vida dos norte-americanos em um mundo onde as guerras sejam conduzidas com robôs assassinos mais poderosos que os dos EUA e onde tenhamos perdido grande parte do nosso apoio político e influência moral no exterior. O que é certo (embora bastante incômodo de imaginar) é que a população norte-americana estará longe de se sentir tão segura e próspera como tem se sentido desde o fim da Guerra Fria. Embora nossa geração esteja “fazendo a cama”, serão os nossos filhos e netos que se verão obrigados a deitar-se nela.

O ilustre cientista e escritor Isaac Asimov observou sabiamente, certa feita: “O aspecto mais triste da vida de hoje é que a ciência ganha em conhecimento mais rapidamente que a sociedade em sabedoria”³⁴. Jeffrey Sluka, antropólogo, expressou essa ideia em termos que um estrategista militar pode entender: “O impulso em direção à tecnologia muitas vezes gera inércia, algo que se

opõe à formulação de uma boa estratégia”³⁵. A verdade das palavras de Asimov e Sluka nunca foi tão clara quanto em relação ao emprego de robôs armados pelos EUA.

A Ascensão das Máquinas

Apesar da visão imediatista dos ataques de VANT transnacionais pelos EUA, há sinais promissores de que o país e suas Forças Armadas estão começando a reconhecer a primazia das preocupações morais nos conflitos humanos. Mais notadamente, o governo Obama pôs fim à tortura e às “extradições extrajudiciais” como questão de política. Além disso, alguns líderes norte-americanos (embora poucos políticos ativos) criticaram publicamente os ataques de VANT. Por exemplo, Kurt Volker, o embaixador norte-americano junto à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) entre julho de 2008 e maio de 2009, expressou a seguinte opinião, recentemente, em um editorial do jornal *Washington Post*:

Que queremos ser como nação? Um país com uma lista permanente de alvos a serem eliminados? Um país onde as pessoas vão para o escritório, disparam contra alvos e voltam para casa a tempo do jantar? Um país que ordena funcionários em centros de operações de alta tecnologia a eliminarem seres humanos no outro lado do planeta porque alguma agência governamental os designou como terroristas? Há algo grotesco nessa postura, que evoca a obra *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, e que deveria preocupar todos os norte-americanos³⁶.

No âmbito das Forças Armadas, o manual de contrainsurgência de 2006 veio repleto de ideias embasadas na consciência moral. Uma delas é a seguinte máxima: “Às vezes, quanto mais se protege a Força, menos seguro se fica”. Essa afirmação reconhece, explicitamente, a importância dos efeitos de longo prazo quando se busca determinar como melhor proteger os militares e se aplica claramente ao combate com VANT³⁷. Nas publicações militares dos EUA, tem aparecido uma quantidade cada vez maior de artigos que aplicam a dimensão moral do combate às operações do país e, com frequência,



Casa Branca/Tina Hager

O ex-Presidente George W. Bush profere discurso em The Citadel, The Military College of South Carolina, em Charleston, SC, 11 Dez 01, afirmando: “Agora está claro que as Forças Armadas não possuem uma quantidade suficiente de veículos não tripulados. Estamos começando uma era em que veículos não tripulados de todos os tipos assumirão maior importância — no espaço, em terra, no ar e no mar”.

os autores concluem, em suas análises, que essas operações deixam a desejar³⁸. Em maio de 2008, o Exército estabeleceu o Centro da Profissão e Ética do Exército, com o propósito de estudar, definir e divulgar sua ética profissional³⁹. A Escola de Comando e Estado-Maior acrescentou a cátedra de Ética ao seu corpo docente e, desde 2009, organiza um simpósio anual sobre o tema — algo não visto nas Forças Armadas dos EUA desde um breve período no final da Guerra do Vietnã, quando um evento desse tipo foi realizado⁴⁰. Além disso, houve a promessa implantação, no ano passado, de um módulo de cinco lições dedicadas ao estudo do campo moral da guerra na Escola de Estudos Militares Avançados (*School of Advanced Military Studies — SAMS*).

Em um mundo melhor e mais sábio, essas sementes positivas criariam raiz e dariam frutos. A maioria dos eleitores e dos comandantes militares nos EUA reconheceria e aceitaria o que devia ser óbvio: boa parte do resto do mundo está indignada com a forma pela qual o país tem usado robôs armados, e essa indignação é de profunda importância. Os generais mais antigos alertariam, firme e fortemente, a liderança civil sobre as falhas inerentes a essas ilusórias “armas perfeitas”, mencionando o antiamericanismo que elas costumam gerar e os efeitos contraproducentes desse sentimento; sobre a extrema ineficácia, no

longo prazo, de qualquer aplicação do poder aéreo coercitivo sem o apoio de tropas terrestres, como as Forças Armadas norte-americanas puderam constatar com base em um século de experiência em diversas guerras; sobre os perigos de incumbir agências civis e empresas terceirizadas da missão central dos militares: a de empregar e administrar a violência em defesa da nação. A liderança civil dos EUA escutaria os eleitores e seus assessores militares, e o país seguiria um rumo novo e moralmente consciente.

Um possível rumo seria que o país evitasse a impressão de execuções ilegais e antiéticas, só utilizando VANT armados para atacar suspeitos de terrorismo em áreas fora de zonas de combate (como, por exemplo, no Paquistão e Iêmen) caso houvessem sido condenados à morte em um processo jurídico justo e transparente. Uma alternativa ainda mais radical talvez fosse que — depois de perceberem a ameaça que essas ferramentas representarão, um dia, à segurança da nação e de decidirem que é hora de recuperar a retidão moral perdida após os ataques do 11 de Setembro — os EUA tomassem a iniciativa de colocar os VANT na lista das armas *malum in se* (“intrinsecamente más”), proibidas pelo direito internacional.

Qualquer que seja o rumo moralmente consciente escolhido, os EUA substituiriam a atual solução, genérica e profundamente problemática, para o ataque a terroristas fora de zonas de combate por opções criadas sob medida para o problema em pauta. Por exemplo, em vez de despertarem o antiamericanismo com o emprego do poder aéreo coercitivo sem apoio terrestre nas FATA, talvez pudessem implantar uma política de contenção, aumentando a presença de tropas norte-americanas e de fiscais de carga nos principais pontos de cruzamento de fronteira no Afeganistão, passando a empregar os VANT em missões de vigilância⁴¹. Empregariam, em geral, as armas “de persuasão” — diplomacia, verbas e influência moral no exterior — de modo mais efetivo, diminuindo, ao invés de aumentar, o número de inimigos que o país tem no mundo.

Infelizmente, é improvável que os EUA reduzam, quanto mais eliminem, o desenvolvimento

e uso de VANT armados. Na última década, seu entusiasmo por esses meios tornou-se profundamente arraigado em termos políticos, econômicos e militares. Alguns norte-americanos — cujo discernimento moral está ofuscado pela emoção — estão desumanizando o “outro” e sofrendo uma falta de empatia em larga escala. Em vez de prestarem atenção quando o mundo reage com indignação, efetivamente se recusam a escutar seu senso moral. Ou ficam com raiva e, em essência, dizem que o resto do mundo deve calar-se; que está errado ao pensar de outra forma; que os robôs são apenas mais uma ferramenta de guerra, como os bombardeiros tripulados ou a artilharia; e que o estão protegendo contra os vilões também.

Gostaria de ter mais esperança de que, em 50 anos, os EUA olharão para trás e enxergarão seu uso de ataques transnacionais de VANT como tendo sido uma política moralmente desastrosa, utilizada brevemente na virada do século antes de terem aprendido com essa insensatez. É uma noção idealista demais até para mim, oficial norte-americano.

Em vez disso, parece dolorosamente óbvio que futuras gerações enxergarão a última década como tendo sido o início da ascensão das máquinas e, como disse o ex-Presidente George W. Bush em um discurso em 2001, verão uma quantidade bem maior de robôs armados conduzindo patrulhas “no espaço, em terra, no ar e no mar” — robôs tão avançados que farão com que o *Predator* e o *Reaper* de hoje em dia pareçam decididamente ineficazes e antiquados. Contudo, esses robôs assassinos terão algo em comum com seus precursores primitivos: sem remorso, perseguirão e eliminarão qualquer ser humano que seja considerado um “alvo legítimo” pelos seus controladores e programadores.

O que é preciso para que alguns norte-americanos realmente acordem e entendam o precedente perturbador que os EUA estão estabelecendo com seus atuais ataques transnacionais de VANT? Ou será que é tarde demais? São como os passageiros adormecidos no *Titanic*, viajando em uma enorme embarcação que avança depressa demais para conseguir evitar a colisão com um enorme *iceberg*, subitamente visível contra o céu

noturno, apenas começando a bloquear as estrelas na rota do navio? Tragicamente, em meio a um clima político ainda regido pelas emoções, ao invés da razão moralmente consciente, talvez só o barulho da “colisão” possa acordá-los. Essa “colisão”, decorridas algumas décadas, não seria o barulho do gelo arranhando e cortando metal.

Seria um zumbido baixo (ou a quebra da barreira do som) nos céus dos próprios EUA, interrompido por explosões intermitentes, provocadas pelos VANT armados do inimigo à caça de líderes e militares norte-americanos. Será, então, tarde demais para que os norte-americanos mudem seu destino. **MR**

REFERÊNCIAS

1. Esta é uma versão bastante resumida de um trabalho bem maior apresentado no Simpósio de Ética de 2012, realizado pela Escola de Comando e Estado Maior do Exército dos EUA. A versão mais longa está disponível em: <<http://www.leavenworthethicssymposium.org/?page=2012Documents>>.
2. ARNSTEN, Amy; MAZURE, Carolyn M.; SINHA, Rajita. “This is Your Brain in Meltdown”, *Scientific American* (Abril 2012): p. 48.
3. Ibid.
4. New America Foundation, “Counterterrorism Strategy Initiative”, *The Year of the Drone*, 2012, disponível em: <<http://natsec.newamerica.net/drones/pakistan/analysis>>. Acesso em: 11 nov. 2012. A organização The New America Foundation calcula que, de 01 Jan 04 a 07 Nov 12, entre 1.908 e 3.225 pessoas morreram no Paquistão, em decorrência de 337 ataques de VANT norte-americanos. A organização estima que, do total de mortos, entre 1.618 e 2.769 fossem militantes, sendo os demais civis (cerca de 15%).
5. THE BUREAU OF INVESTIGATIVE JOURNALISM, “Covert Drone War”, 12 nov. 2012, disponível em: <<http://www.thebureauinvestigates.com/category/projects/drones/>>. Acesso em: 12 nov. 2012. Esta organização calcula que, de 01 Jan 04 a 07 Nov 12, entre 2.593 e 3.378 pessoas foram mortas no Paquistão, em decorrência de 340 ataques, sendo cerca de um quarto delas civis. Segundo a TBIJ, de 362 a 1.052 pessoas foram mortas por VANT norte-americanos no Iêmen, sendo entre 60 e 163 civis; na Somália, de 58 a 170 pessoas foram mortas por VANT norte-americanos, sendo entre 11 e 57 civis.
6. ROBERTS, Adam. “Lives and Statistics: Are 90% of War Victims Civilians?”, *Survival* 52, no. 3 (June-July 2010): p. 115-36. A proporção de 1:1 é uma generalização baseada nesse trabalho. Roberts descreve o início do mito de que 90% das mortes nas guerras modernas são de civis e, em seguida, apresenta evidências para refutá-lo. Por exemplo, em 2007, uma equipe concluiu que 41% das mortes durante a guerra na Bósnia-Herzegovina, entre 1991 e 1995, haviam sido de civis e 59%, de militares. Na guerra civil em Sri Lanka, entre 1983 e 2009, e na guerra civil intermitente na Colômbia, entre 1988 e 2003, é quase certo que houve mais baixas entre combatentes que entre não combatentes. Segundo Roberts, é apenas em guerras que envolvem o genocídio apoiado pelo Estado (como no Camboja, de 1975 a 1979, e em Ruanda, em 1994) que a porcentagem de mortes violentas de civis aproximou-se ou passou de 90% do total de mortes violentas no conflito.
7. United States Air Force Headquarters, United States Air Force Unmanned Aircraft Systems Flight Plan 2009-2047, Washington, DC: United States Air Force, 2009, 34; TURSE, Nick; ENGELHARDT, Tom. *Terminator Planet: The First History of Drone Warfare, 2001-2050*, A TomDispatch Book, Kindle Edition, p. 18.
8. Em “War is a Moral Force: Designing a More Viable Strategy for the Information Age”, um de meus coautores, o especialista em ética Peter Fromm, explicou o que se quer dizer com a palavra “moral”: “Neste artigo, o termo moral se refere às suas denotações tanto éticas quanto psicológicas, que a experiência e a linguagem conectam de maneira indissociável. A razão para esses dois significados é que a ação percebida como correta e a coerência entre o discurso e a prática são a ‘argamassa’ psicológica que une a comunidade — até mesmo a comunidade de Estados. As percepções compartilhadas sobre o que constitui uma ação correta unem os indivíduos aos grupos e os grupos às comunidades.” Neste artigo, a palavra “moral” tem o mesmo sentido empregado em “War is a Moral Force”, incluindo a inferência de que questões sobre o que é bom ou ruim (como a pergunta “devo lutar?”) têm efeitos psicológicos significativos (como a resposta afirmativa “sim, estou agindo certo ao lutar”). Esses efeitos psicológicos são as considerações de planejamento mais importantes tanto para os líderes políticos quanto para o combatente.
9. International Human Rights and Conflict Resolution Center at Stanford Law School and Global Justice Clinic at NYU School of Law, “Living Under Drones: Death, Injury, and Trauma to Civilians from US Drone Practices in Pakistan”, 2012, p. v.
10. Ibid., p. 82
11. Ibid., p. vii.
12. Ibid.
13. New America Foundation, FATA Inside Pakistan’s Tribal Region, 2012, disponível em: <<http://pakistanurvey.org/>>. Acesso em: 11 nov. 2012.
14. Ibid. A Missão de Assistência das Nações Unidas no Afeganistão (UNAMA) tem sistematicamente acompanhado e investigado mortes de civis decorrentes da guerra no Afeganistão desde 2007.
15. Pew Research Center, “Pakistani Public Opinion Ever More Critical of U.S.: 74% Call America an Enemy”, PewResearchCenter Publications, 27 jun. 2012, disponível em: <<http://www.pewglobal.org/2012/06/27/pakistani-public-opinion-ever-more-critical-of-u-s/>>. Acesso em: 11 nov. 2012. Não é nenhuma coincidência que a porcentagem de paquistaneses que dizem que os EUA são o inimigo cresceu mais acentuadamente entre 2009 e 2012, período que corresponde a um aumento no número de ataques de VANT norte-americanos nas FATA.
16. IQBAL, Khuram. “Anti-Americanism and Radicalization: A Case Study of Pakistan”, Pak Institute for Peace Studies, 2010, disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:V98vEMBL2dgJ:sa-n-pips.com/download.php?f%3D42.pdf+%22Mainland+Pakistan%22&hl=en&gl=au&pid=bl&srcid=ADGEEESjS_r16lPbDuHKh-54QAFnrLthYDOyY9JJKRSLfXcru_UE_TfzfoQMIIAmpnPtzctLthO65DWsXpE-gj85KpNIZwCWYRw9nqf-K2JHSDgphROEaFQFILAHz55R8njtr4OrK6gt&sig=AHIEtbTjm4hukxF9GgskGLrrSykd50Ue8A&pli=1>, p. 2.
17. Common Dreams, “Pakistan Foreign Minister: Drones Are Top Cause of Anti-Americanism”, 28 Sept. 2012, disponível em: <<https://www.commondreams.org/headline/2012/09/28-2>>. Acesso em: 11 nov. 2012.
18. SLUKA, Jeffrey. “Death from Above: UAVs and Losing Hearts and Minds”, *Military Review* (May-June 2011): p. 73.
19. MORLEY, Jefferson. “Hatred: What drones sow”, *Salon*, 12 jun. 2012, disponível em: http://www.salon.com/2012/06/12/hatred_what_drones_sow/. Acesso em: 11 nov. 2012.

20. Ibid.

21. Ibid.

22. Ibid.

23. PEW RESEARCH CENTER, *Drone Strikes Widely Opposed: Global Opinion of Obama Slips, International Policies Faulted*, 13 jun. 2012, disponível em: <<http://www.pewglobal.org/2012/06/13/global-opinion-of-obama-slips-international-policies-faulted/>>. Acesso em: 13 nov. 2012. Os resultados do Pew Research Center apresentados neste trabalho poderão ser corroborados com buscas no Google por artigos em vários meios de comunicação. Por exemplo, uma pesquisa de “U.S. drones” no site do canal *Al Jazeera* resulta em sete artigos negativos e um neutro sobre o tema entre janeiro e outubro de 2012, apoiando a alegação do Pew Research Center, de que há um intenso sentimento contra os VANT no mundo muçulmano.

24. BECKER, Jo; SHANE, Scott. “Secret ‘Kill List’ Proves a Test of Obama’s Principles and Will”, *The New York Times*, 29 May 2012, disponível em: <<http://nyti.ms/14IC0o1>>. Acesso em: 11 nov. 2012.

25. Pew Research Center, *62%-Majority of Americans Support U.S. Drone Campaign*, 2012, disponível em: <<http://pewresearch.org/databank/dailynumber/?NumberID=1581>>. Acesso em: 11 nov. 2012.

26. STARK, Holger. “Germany Limits Information Exchange with US Intelligence”, *Spiegel Online International*, 17 maio 2011, disponível em: <<http://bit.ly/Rzak0b>>. Acesso em: 11 nov. 2012.

27. Por exemplo, em resposta ao sentimento antiguerra e anti-VANT de sua população, a Espanha tem regras de engajamento destinadas a garantir que suas tropas no Afeganistão não enfrentem muitas situações de perigo (e forneçam assistência reduzida). Os 4.400 soldados espanhóis baseados em Herat não estão autorizados a ir para o sul ou leste do Afeganistão nem a enfrentar insurgentes a menos que estes disparem contra eles. Além disso, o país recusou o comando da Força Internacional de Assistência à Segurança três vezes.

28. Durante minha recente missão de um ano no Afeganistão, vi, com frequência, uma versão deste argumento sendo expressa como propaganda no canal das Forças Armadas dos EUA (*Armed Forces Network*). Depois de uma série de imagens que mostravam robôs e VANT fazendo o trabalho sujo no lugar dos militares norte-americanos, o comercial concluía com o slogan “Robôs salvam vidas”. O que esse slogan realmente quer dizer é: “Os robôs salvam vidas norte-americanas enquanto nos ajudam a matar os inimigos de nosso país”. Cabe reconhecer que esse slogan soa bem para soldados norte-americanos em locais onde o inimigo esteja ativamente empenhado em matá-los. Contudo, a noção de que “robôs armados salvam vidas norte-americanas” é, muitas vezes, válida apenas quando se considera seu impacto imediato.

29. DOPPLICK, Renee. “ASIL Keynote Highlight: U.S. Legal Advisor Harold Koh Asserts Drone Warfare is Lawful Self-Defense Under International Law”, *Inside Justice*, 26 mar. 2010, disponível em: <http://insidejustice.com/law/index.php/intl/2010/03/26/asil_koh_drone_war_law>. Acesso em: 14 nov. 2012.

30. Pew Research Center, *62%-Majority of Americans Support U.S. Drone Campaign*.

31. Confira SINGER, P.W. *Wired for War: The Robotics Revolution and Conflict in the Twenty-first Century* (New York: The Penguin Press, 2009), p. 306. A ideia para esse experimento mental me veio à mente depois de ler esta observação, feita por um oficial não identificado da Força Aérea: “Deve ser intimidante para um iraquiano ou integrante da Al Qaeda ver todas as nossas máquinas. Isso me faz pensar nos humanos que aparecem no começo dos filmes da série ‘Exterminador do Futuro’, escondendo-se em casamatas e cavernas”.

32. SMITH, David Livingstone. *Less Than Human: Why We Demean, Enslave, and Exterminate Others* (New York: St. Martin’s Press, 2011). Nessa brilhante obra, o psicólogo e filósofo David Livingstone Smith explora

a ideia de que a desumanização é a condição fundamental para todas as atrocidades. Concentra-se nos horrores cometidos contra os “judeus, africanos subsaarianos e povos indígenas dos EUA” devido à sua “imensa importância histórica” e porque são “amplamente documentados”. Mas as terríveis histórias que ele relata são oriundas de todas as partes do mundo e remontam à pré-história. O que possibilita que tratemos outros membros de nossa espécie de modo tão terrível, sustenta Smith, é nossa capacidade mental para “essencializar” o mundo à nossa volta. Dividimos os seres vivos em espécies e as espécies em categorias. Em seguidas, nós as classificamos hierarquicamente. Segundo Smith, do ponto de vista evolutivo, há excelentes razões para que vejamos outros seres vivos dessa forma. A percepção de animais e insetos como seres inferiores permitiu que nossos antepassados os erradicassem caso considerados ameaças ou os utilizassem como fontes de trabalho, alimento ou companhia caso não representassem ameaças. Ao mesmo tempo, a opção de ver outros grupos de *Homo sapiens* como humanos ou não conferiu aos nossos antepassados um instrumento psicológico para escolher o comércio ou a guerra como meio de adquirir recursos.

33. Marketplace, IMF Report: *China will be the largest economy by 2016*, 25 Apr. 2011, disponível em: <<http://www.marketplace.org/topics/business/imf-report-china-will-be-largesteconomy-2016>>. Acesso em: 16 nov. 2012.

34. SINGER, p. 94.

35. SLUKA, p. 74.

36. VOLKER, Kurt. “What the U.S. risks by relying on drones”, *The Washington Post*, 27 out. 2012, disponível em: <<http://wapo.st/13yjmeT>>. Acesso em: 16 nov. 2012.

37. Department of the Army, Field Manual 3-24, *Counterinsurgency* (Washington, DC: U.S. Government Printing Office, December 2006), p. 1-27.

38. A meu ver, a *Military Review* apoia essa causa, incluindo tais artigos com frequência. Um recente exemplo, digno de nota e citado anteriormente neste trabalho, foi o artigo de “Death from Above: UAVs and Losing Hearts and Minds”, de autoria de Jeffrey Sluka. [Publicado com o título “A Morte que Vem de Cima: os VANT e a Perda de Corações e Mentes” na edição brasileira de Maio-Junho de 2013 — N. do T.] “Tipping Sacred Cows”, de autoria do Ten Cel (Res.) Timothy Challans é outro excelente exemplo. [“Desmistificação das ‘Vacas Sagradas: Potencial Moral Por Meio da Arte Operacional”, Julho-Agosto de 2009 — N. do T.]

39. “About the CAPE”, U.S. Army Center for the Army Profession and Ethic (29 Jul. 2010), disponível em: <<http://acpme.army.mil/about.html>>. Acesso em: 15 ago. 2010.

40. RICKS, Thomas E. *The Generals* (New York: The Penguin Press, 2012), p. 343-44, p. 348. O CGSC realizou um Simpósio de Ética de 1974 a 1975. Segundo Ricks, o simpósio teve um grande sucesso, mas foi cancelado em virtude do foco do General William DePuy, chefe do Comando de Instrução e Doutrina (TRADOC) na época, em adestramento tático em vez de estratégico para os oficiais.

41. Essa linha de ação não é tão ingênua quanto parece. Por exemplo, a maioria dos norte-americanos presume que o Talibã não usa os principais pontos de cruzamento de fronteira para transportar seus suprimentos para o Afeganistão, achando que ele os leva em mochilas, animais de carga ou picapes em vias afastadas. Isso ocorre, mas o Talibã recorre mais às principais rotas de suprimento dos EUA entre o Paquistão e o Afeganistão. Isso se deve ao fato de que a carga é raramente vistoriada pelos funcionários corruptos da alfândega afegã, quando os caminhoneiros pagam a propina exigida. Com mais alguns soldados e fiscalizadores de carga norte-americanos nos principais postos de controle da fronteira e uma presença bem maior de VANT conduzindo reconhecimento, a Força Internacional de Assistência à Segurança poderia afetar drasticamente a utilidade das FATA como área segura para o Talibã.